

Rótulo de magnata

Por **Jorge Lucki**

Os vinhos de Bordeaux têm vivido momentos de grande prestígio e valorização nos últimos 20 anos. Diante dessa consistente ascensão, imune até às crises que abalam a economia mundial, propriedades na região vinícola mais famosa do planeta começaram a atrair a atenção de grupos dos mais diversos setores, assim como de empresários (muito) bem-sucedidos. Para estes, há até benefícios fiscais: o investimento não entra no cálculo de imposto de renda sobre grandes fortunas, desde que o contribuinte consagre o essencial de seu tempo ao novo projeto. Entre buscar exílio fiscal na Inglaterra ou na Bélgica e se ocupar de seu próprio vinho, convenhamos que esta última opção é infinitamente mais prazerosa.

Quem logo percebeu essas vantagens foi Laurent Momméja, cuja família controla o pomposo grupo Hermès. Em sociedade com o irmão, Renaud, Laurent comprou, em 2006, o Château Fourcas Hosten, um bem conceituado Cru Bourgeois situado em Lustrac, denominação de origem controlada da região do Médoc, entre Margaux e St. Julien, e a dois passos do Châ-

teau Clarke, pertencente a seus amigos, a família de Edmond de Rothschild. E se sente realizado, a ponto de passar ali 80% de seu tempo, em vez de um dia por semana, como previra no princípio.

Situação semelhante foi vivida por Patrick Maroteaux, que, em 1988, convenceu os parentes a se desfazerem da lucrativa Sucre Union, empresa do ramo açucareiro, e comprar o Château Branaire-Ducru, belo Grand Cru Classé de St. Julien. Maroteaux mudou-se para lá e se encontrou na nova função, elevando a qualidade dos vinhos a patamares próximos dos rótulos de maior prestígio da região, o que lhe rendeu convites para cargos importantes na Union des Grands Crus Classés, a mais importante associação de produtores locais.

O casal Florence e Daniel Cathiard é outro exemplo de quem não tinha uma vida entediante. Eram esquiadores de alto nível e tiveram sucesso com a conhecida rede de artigos esportivos Go Sport, até comprar, em 1990, o Château Smith Haut-Lafitte, um Grand Cru de Graves/Pessac-Léognan, ao sul da cidade de Bordeaux. Circulando na aristocrática sociedade local, eles não se concentraram apenas em produzir bons vinhos. Criaram um sofisticado negócio de turismo vinícola, com restaurante e hotel de luxo, dotado de um spa diferenciado que ganhou fama internacional com tratamentos à base de semente de uva, processo denominado Vinothérapie, hoje com várias franquias mundo afora. Faz parte do pacote a linha de produtos e cos-

méticos que desenvolveram com o nome Caudalie, que vem da terminologia utilizada em degustações e se refere à persistência do vinho na boca.

Para promover o empreendimento, a família Cathiard acolheu por duas vezes a Fête de la Fleur, requintado evento para mais de mil pessoas que fecha a Vinexpo, maior e mais importante feira internacional de vinhos do planeta, que se realiza a cada dois anos em Bordeaux e recebe cerca de 50 mil visitantes de 130 nacionalidades.

Expedientes como esse não têm como objetivo apenas promover os negócios. Ser proprietário de um destes châteaux é um símbolo de status muito forte, especialmente na França. E é preciso demonstrá-lo. Para isso, nada melhor do que ganhar espaço na mídia.

É o que faz Gérard Perse, que nos anos 80 fez fortuna com os supermercados Continent, rede com forte atuação em Paris. Perse mudou de ramo aos poucos, comprando num primeiro momento, em 1993, o Château Monbousquet, em St. Emilion, e dando um salto bem maior e definitivo (vendeu todas as suas lojas) quatro anos mais tarde, ao adquirir o Château Pavie, um Premier Grand Cru Classé B, que andava à deriva na época, e o promissor Château Pavie Decesse, uma categoria abaixo (mas hoje cotado para subir na classificação), na mesma região.

O novo proprietário investiu pesadamente na recuperação do Pavie, contratando o renomado consultor Michel Rolland. O vinho mudou de cara e conseguiu, logo no ano seguinte, alcançar altas notas do crítico Robert Parker. Há muitas histórias sobre a relação entre Perse e Parker, e nela atua como coadjuvante o próprio Rolland. Outro personagem é Alain Raynaud, ex-dono do Château Quinault l'Enclos e mais uma figura de destaque na região. Robert Parker é, aliás, padrinho de um dos filhos de Raynaud. Seja pelo estilo encorpado e moderno ou por qualquer outro motivo, o fato é que o Château Pavie caiu nas graças do autor americano, ganhando grande projeção.

Perse começou a circular com desenvoltura pelas rodas sociais mais badaladas da França e da Europa. Para festejar os dez anos de Pavie, fechou o estrelado restaurante Les Ambassadeurs, no luxuoso Hotel Crillon, em Paris, convidando, entre personalidades de outros meios, a nata do cinema francês. E continua repetindo a receita.

Não só ele, aliás. Com mais bagagem e propriedades – tem 37 vinícolas ao redor do mundo, boa parte em Bordeaux, e entre elas o Château Pape Clément, que pertenceu ao papa Clemente V –, Bernard Magrez é um empreendedor bem-sucedido e insaciável. Ele vinha de uma linha de negociantes de bebidas, basicamente destilados e “petits vins”, quando resolveu passar aos grandes vinhos. Começou administrando o Pape Clément em 1985, junto com Léo Montagne, seu sogro e coproprietário do château (Magrez declara ter hoje 90% da propriedade). Está sempre nos jornais e revistas com declarações que mostram seu caráter exigente e polêmico, o que ajuda a mantê-lo em

evidência. Tanto quanto seu alardeado lado mecenas, patrocinando artistas de diferentes áreas e associando-os a seus châteaux. Jantares em alto estilo também estão no seu arsenal. Um deles foi no restaurante triestrelado do chef Alain Ducasse no Plaza Athénée, com direito a um relógio Cartier, de valor estimado em € 1.700, de presente aos convidados.

Bem mais low profile é Laurent Dassault, vice-presidente do grupo Dassault, conhecido como fabricante de aviões militares (Mirage), entre outras áreas de atuação. É ele que comanda desde 1994 o projeto vinícola do conglomerado, que tem o Château Dassault, um Saint Emilion Grand Cru Classé comprado em 1955, e a bodega argentina Flechas de los Andes, esta em sociedade com o grupo Edmond de Rothschild. Laurent tem maneiras pró-

prias de colocar seus vinhos na berlinda. Costuma presentear os clientes que compram seus jatos com caixas dos vinhos que produz, argumentando que, quando os encontra, os comentários serão concentrados na bebida. Da mesma forma, jamais permite que decantem as garrafas a bordo de seus jatos privados, para que os ricos clientes reparem no rótulo antes de beber.

Integrantes de famílias com participação importante no PIB da França também têm demonstrado interesse em fazer parte da elite de proprietários de châteaux de Bordeaux. Um dos casos envolveu a tumultuada compra, em 2006, do Château Montrose, um “super second” Grand Cru Classé de St. Estèphe, pelos irmãos Martin e Olivier Bouygues, do clã que atua em construção, telecomunicações e mídia. A filha do primeiro casamento da esposa de Jean-Louis Charmolüe, a quem pertencia a propriedade, entrou com uma ação, tentando, inutilmente, impedir a venda.

Sem demora, os novos proprietários chamaram atenção ao mexer num ponto bastante atual: reduziram o impacto ambiental de Montrose com uma série de ações para diminuir o consumo de água e energia. Embora a qualidade do vinho produzido nunca tivesse alcançado níveis tão elevados, os Bouygues quiseram ainda dar um passo a mais. Conseguiram então que Jean-Bernard Delmas, responsável pelo venerado Château Haut-Brion até 2003, quando se aposentou após 40 anos de brilhante desempenho, voltasse à ativa e trabalhasse para eles. Delmas, por motivos de saúde, ficou até a safra passada, sendo substituído por outro peso pesado, Hervé Berland, que ocupava o posto de administrador-geral do Mouton Rothschild. Os irmãos Bouygues mostraram que não estão brincando de fazer vinho.

Os controladores da grife Chanel, Alain e Gérard Wertheimer, também não estavam brincando quando compraram o 2ème Grand Cru Classé de Margaux, Château Rauzan Ségla, em 1994. Empresários de sucesso, foram atrás de um profissional comprovadamente competente para recolocar a propriedade na posição de destaque que deveria ter. Trouxeram John Kolasa, até então no celebrado Premier Cru Château Latour, pelo que consta, com argumentos irrecusáveis: “Cada um na sua. Nós estamos

em Nova York e você vai estar em Margaux. Diga-nos o que precisa e lhe daremos. Tudo o que você tem a fazer é ir em frente”. Kolasa foi e o Rauzan Ségla recuperou seu brilho, condizente com os produtos da Maison Chanel. Aproveitando tais conexões, o rótulo de 2009 engarrafado em 2011, ano do 350º aniversário do château, foi desenhado pelo então estilista da Chanel, Karl Lagerfeld.

Estima-se que, das quinhentas maiores fortunas da França, cinquenta tenham propriedades vinícolas. A lista inclui ainda dois peixes grandes e muito conhecidos. Um deles é Bernard Arnault, presidente da Louis Vuitton-Moët-Hennessy, o mais rico do país, proprietário como pessoa física do Château Cheval Blanc (o Château d'Yquem é do grupo LVMH). O outro é seu desafeto François Pinault, dono dos Magazins Printemps e terceiro na lista dos milionários da França, proprietário do Château Latour. É briga de gente grande.